

Prefácio à obra poética de Alzira Rufino
Eu, Mulher Negra, Resisto



Edição da autora
lançado na III Feira Internacional do Livro Feminista
Montreal, Canadá – junho 1988

YIALODÊ EGBÈ ELEYÈ

Os versos de Alzira Rufino parecem ter a estranha capacidade de nos transportar para onde eles estão, ou para onde ela estava no momento em que os gerou. Os seres humanos, em sua subjetividade, aprenderam a estabelecer relações entre a presença física e a presença espiritual; e elas os fazem saltar sobre o largo divórcio entre a produção real de uma determinada sociedade, suas estruturas/superestruturas e as relações sociais que nelas possam estar ensejadas. Ou seja, através do sonho, ou mesmo da concentração de sentidos num determinado momento, pode-se traçar, de forma particular e única, aspectos da vida humana que nos envolvem a todos, apontando e questionando os mecanismos sociais articulados para reproduzir a alienação. E os poetas são mestres nessa arte.

“Winnie, não perca a garra / porque Mandela resiste / Winnie, se o câncer mata / mais que a luta não maltrata”. A beleza e a forma cortante destes versos não permitem que a capacidade de indignação de seres humanos sensatos permaneça adormecida. Que se atente, também, para os frutos que a irreverência podem produzir, quando bem utilizados numa poesia: “quantos espelhos quebrados / botas em pés errados / como um navio negreiro”.

A singular inquietude da poeta Alzira é uma forma artística de tradução das inquietudes do nosso tempo. Sobretudo se trata-se da voz da mulher e do negro; voz tão incômoda, tão produtora de ruídos, quando quer fazer-se ouvir, quando quer fazer ecoar a especificidade da sua mensagem.

Por isso mesmo, vejo nesta obra, tão importante para nós, mulheres negras, uma forma de resgate do nosso papel histórico, tanto em tempos livres de África, quanto de escravidão. E em ambos os casos, sempre nos recusamos ao submisso papel de coadjuvantes; exigimos aquele de protagonistas. Somos a rainha Amina, a guerreira Bazao-Turunku, Mudjadji 1ª, a ashanti Ohemaa, a Nyanya Mugabe e a Omunyanya Omugabe de Zimbabwe, sem contar com a grande rainha Nzinga tão presente nas lutas da nossa gente. Mas também pertencemos às inúmeras associações africanas, tão ativas e participantes, muito antes que as ocidentais pensassem em se organizar num movimento de liberação da mulher: Nimm, Akejuju, Sande e muitas outras, dentre as quais se destaca a Yalodê Egbè Eleyè das Yoruba.

A leitura dos poemas de Alzira remeteu-me também às nossas lutas dos tempos de escravidão, passados e atuais; reafirmando-me que somos Aqualtune, Dandára, Luiza Mahin, Tia Ciata, Mãe Aninha, Mãe Senhora, Dona Zica da Mangueira, Dona Ivone Lara, Maria Beatriz Nascimento, Benedita da Silva e tantas outras mais, atuando nas mais diversas frentes como legítimas representantes do nosso povo. Mas os poemas de Alzira, sobretudo, ressaltaram na minha leitura, que nós somos as anônimas mulheres negras do campo e da cidade; as sem-terra, as bóias-frias, as serventes, as empregadas domésticas, as varredoras de rua que, de uma forma ou outra, estão presentes na luta por se organizarem nos sindicatos, nas associações de classe, nos movimentos de favelas e bairros periféricos.

E todo um perfil da garra das mulheres negras, já pontuado em “Winnie”, se desenha com fortes traços na ode a “Iansã-Oyá mulher”: “tua beleza é o fogo / o teu raio decisão / animas o que é vida / lá onde o amor é sentido / zarpando do teu olhar / rota de estrela e paixão”. Eparrei!

Lélia Gonzalez